

A poesia assalta a cidade

SEVERINO FRANCISCO
Da Editoria de Cultura

As bandas de rock de ponta-de-lança representam o primeiro assalto mais radical da música ao universo urbano moderno do País e, ao mesmo tempo, uma religada das antenas para a informação e os fatos a um nível planetário. E isto chega à música com pelo menos 20 anos de atraso em relação ao cinema brasileiro: *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, e *O Bandido da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla. Fora disso só Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção atacaram com música urbana de uma maneira mais incisiva. As letras das novas bandas de ponta-de-lança têm a temperatura de um permanente estado de emergência existencial.

Atacam instituições sociais, morais, políticas, afetivas, linguísticas. E, em casos extremos, como nas de Renato Russo, do Legião Urbana, não escapa

nem mesmo a própria mitologia do rock'n'roll no que tem de estereotipado. O disco *Sub*, reunindo quatro bandas do início do movimento punk em São Paulo, com as bandas *Fogo Cruzado*, *Cólera*, *Ratos do Porão*, *Pysicosy*, traz ótimas letras: uma sobre a paranóia da guerra atômica do *Pysicose*: "O mundo acabará numa grande explosão/cegos surdos e mudos nada ouvirão".

Renato Russo é, sem dúvida, o melhor poeta da nova leva das bandas de rock. O importante também é que as novas bandas provocaram uma mudança nos padrões do mercado. Quando a *Legião* apareceu muitos programadores ainda se recusavam a tocar as músicas. Do *Empire State* de ignorância eles achavam que o público não ia entender aquelas letras complicadas. Só perceberam o que estava acontecendo quando viram a meninada dançando, com as palavras na ponta da língua. Mesmo quando fala de algum tema político, Russo faz a passagem do individual para o coletivo, com alta voltagem dramática nas velas, sempre de maneira existencial. A militarização da sociedade brasileira tem sido um tema permanente nas letras das novas bandas. E, muitas vezes, ela aparece encarnada na pele dos comportamentos afetivos existenciais. Vide *Soldados, do Legião Urbana*, ou *Johnny Vai a Guerra, da Plebe Rude*.

Em *Johnny Vai a Guerra*, uma festa de fim de semana é armada como alegoria bélica, operação essencialmente militar, guerra nas estrelas de generais civis: "Os seus amigos/Estão lá/fora/ Seus aliados/Estão lá fora/Estão unidos contra você". É bom lembrar de que não se trata de um texto literário. A letra é disparada com uma marcação dramática teatral ou cinematográfica. É também interessante lembrar que muitas destas letras que estão pintando aí nas paradas são do começo dos anos 80. A música

Psicopata, do Capital Inicial, um dos atuais hits das rádios FM's, é mais ou menos desta época. Alguma coisa está mudando no circuito da música. Um programador de rádio de Brasília dizia que esta música seria totalmente "intocável" há dois meses atrás. Foi o desejo do próprio público quem furou o esquema.

O escracho baiano do *Camisa de Vênus* beira, às vezes, o ingênuo em sua pretensão de demolir tudo que passar pela frente. Mas algumas letras do *Camisa* têm uma incrível violência crítica. E nada melhor que saudáveis doses de nilismo em um País patrioteiro que, em um dia vota no PMDB e, no outro, incendeia carros da polícia. Os *Titãs*, de São Paulo, em um disco anterior, já haviam criado uma letra que, em certo sentido, pode ser considerada um hino da Nação: "A televisão me deixou burro/muito burro de mais!". No último disco, Os *Titãs* dão uma geral em todas as instituições nacionais. Nada escapa: a família, a igreja, a polícia, a dívida externa, trabalho, capitalismo selvagem, em letras envenenadas de ironia: "Medalhinhas para o presidente/Condecorações para os veteranos/Bonificações para os banqueiros/Porrada/Nos caras que não fazem nada".

E a coisa não fica somente ao nível do social. O que esta em jogo é uma nova sensibilidade urbana. Quando e que alguém auto-escancarou uma transa afetiva com a coragem, a sinceridade, a dramaticidade de *Ainda é Cedo*, do Renato Russo? Aos trancos e barrancos, entre plágios e lances originais, entre pactos do diabo com a indústria do disco, as bandas de ponta-de-lança do rock brasileiro estão antenando, expressando e provocando transformações. Daqui para a frente, o urbano no Brasil não podia ser lido mais apenas pelo PIB, pelo número de supermercados, pelo número de jornais ou pela estatística de geladeiras vendidas. O urbano moderno brasileiro passa a ser também uma sensibilidade. Depois deste primeiro assalto do rock sinto no ar uma nova onda de encarecimento. Começam a surgir grupelhos e tentando faturar em cima das bandas que escancararam. Começam a aparecer em cena pastiches da *Legião do Capital Inicial*. A faísca poderá ser incêndio algum dia. Mas, para isto, o rock brasileiro precisa sacudir pra muito longe os estereótipos, o culto cretino da ignorância, a preguiça mental.